

Caros leitores,

é com grande alegria que trazemos a público esse novo número da Revista AGRÁRIA, cuja temática central é "**Agroecologia**". Em tempos em que batemos tristes recordes de consumo per capita de agrotóxico, pensar em práticas alternativas de produção agrícola, no respeito ao ser humano e ao ambiente, buscando inclusive construir uma outra relação socioambiental na produção, distribuição e consumo dos alimentos se torna ainda mais urgente.

Os artigos presentes na **Seção Dossiê** deste número resultam do desmembramento da chamada para o número "Natureza e Espaço Agrário", que em breve também estará disponível para leitura. Diante da confluência de reflexão que eles comportam, optamos por separá-los para dar maior visibilidade aos artigos. Três são os artigos desta seção:

O primeiro deles, "*Agroecologia e soberania alimentar na Amazônia: para além das trincheiras discursivas do modelo de desenvolvimento agrário/agrícola*", de José Aparecido Lima Dourado, traz uma reflexão acerca da ligação entre agroecologia e soberania alimentar, a partir da realidade amazônica. O objetivo é o de, a partir do avanço de processos de transição agroecológica em curso pelo país e impulsionados, em boa parte, por movimentos sociais de luta pela terra ligados à Via Campesina, pensar a importância de se considerar as particularidades regionais ao estimularmos esses processos, de modo a evitar transformar a agroecologia em um "pacote" de técnicas, semelhante àquele que ela busca confrontar.

No artigo "*(In)segurança hídrica e o desafio de produzir sem acesso à água em assentamentos de reforma agrária em Uberlândia MG*", Jessica C. Garcia e João Cleps discutem um tema de grande importância na atualidade: a insegurança hídrica. A partir das dificuldades e desafios enfrentados pelos assentados de reforma agrária para garantir a produção agrícola diante da priorização de regulações ambientais que limitam, e muitas vezes impedem a produção propriamente dita, os autores chamam a atenção para a importância da elaboração do Plano de Desenvolvimento de Assentamento (PDA) pelo conjunto dos assentados, de forma efetivamente participativa, de modo a pensar no assentamento como um todo e a buscar, coletivamente, alternativas produtivas que possam ser implantadas por todos, e que levam em consideração as

demandas e disponibilidades no seu conjunto. Como exemplo, tratam da experiência da produção agroecológica a partir das mandalas como uma possibilidade de alternativa para a produção para os assentamentos.

Por fim, Mariana Borba Oliveira em "*Certificação participativa e agroecologia: processos de organização e resistência na Mata Paraibana*" dá especial atenção ao processo de construção da certificação participativa da Feira Agroecológica do Campus I da UFPB, um caso de produção agroecológica em área de reforma agrária já consolidada e onde a agroecologia superou a dimensão estritamente técnica, alcançando sua dimensão socioeconômica. Trata-se de um caso interessante de estudo para entender como, de forma coletiva, é possível superar as dificuldades impostas à produção e comercialização e caminhar na direção da autonomia econômica.

Na **Seção Artigos**, Maria Brignardello traz no artigo "*Reestructuración, calidad y relaciones sociales. Transformaciones en em vínculo produtor vitivinícola – agroindústria em Mendoza, Argentina*" um olhar sobre as transformações que estão ocorrendo nos últimos tempos no setor vitivinícola na Argentina, com a incorporação cada vez maior da dinâmica do setor industrial à produção agropecuária e, nesse contexto, com as mudanças que passam a ser exigidas dos produtores, mediadas muitas vezes pela noção de "qualidade". Assim, o olhar da autora recai sobre as transformações ocorridas nos últimos tempos na relação produtor/indústria, observando com atenção o papel da "qualidade" nesta relação.

Por fim, na **Seção Resenha**, Alexandrina Luz Conceição nos apresenta a tese de doutorado de Sinthia Cristina Batista intitulada "*Cartografia Geográfica em questão: do chão, do alto, das representações*", defendida em maio de 2014 junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Dirce Maria Antunes Suertegaray. A tese é construída a partir de uma preocupação emergente de seu mestrado, da clareza da necessidade da crítica à cartografia como instrumento de manipulação ideológica, mercadológica e não de produção do conhecimento. Nesse sentido, a autora chama a atenção do leitor para a necessidade de dotar o mapa não só de intencionalidade, mas de sentido. Seu propósito é compreender a cartografia a partir da teoria crítica da representação de Henri Lefebvre na leitura da produção do espaço e, a partir do materialismo histórico e dialético,

ser capaz de explicar a atual valorização do mapa, principalmente nas lutas sociais. Um convite, pois, à leitura desta tese de grande atualidade para pensarmos.

Esperamos estar contribuindo com esse número para o debate acerca das temáticas aqui propostas e desejamos a todos boa leitura!